

O CONCEITO DAS *PARTES ORATIONIS* NA *TEKHNĒ GRAMMATIKĒ* DE DIONÍSIO, O TRÁCIO E NA *ARS MINOR*, DE DONATO.

Vanessa Loiola da Silva¹
Prof. Dr. Valteir Martins²

RESUMO: Este artigo deve sua gênese ao interesse pela Gramática como disciplina essencial para os estudos linguísticos que surgiram e se desenvolveram posteriormente. Como base para a análise usar-se-á a tradução de duas obras gramaticais de dois autores que tiveram enorme notoriedade no campo gramatical no período antigo. Especificamente, o presente trabalho tem como objeto de estudo a definição das partes do discurso, da maneira como se nos apresentam, tanto na gramática grega de Dionísio, o Trácio (170 a.C. – 90 a.C.), como na gramática latina de Élio Donato (320 d.C. – 380 d.C.). Buscar-se-á fazer uma comparação entre essas definições, e mostrar o que elas apresentam em comum e em oposição, já que delas vieram as dez classes de palavras que a gramática do português apresenta atualmente.

Palavras-chave: Gramática; Dionísio, o Trácio; Donato; Classes de palavras.

1. Considerações iniciais

Para o estudante de Letras e de áreas afins é de suma importância conhecer as bases que deram origem ao que hoje é conhecido nas ciências humanas como estudos linguísticos e literários. Ao falarmos de bases, referimo-nos aqui às civilizações grega e romana, as quais têm inegável contribuição para o ocidente, uma vez que delas herdamos muito do que nos distingue como sociedade. A esse respeito, de acordo com Faraco (2008, p.130-131):

Podemos dizer que o estudo gramatical é bastante antigo. Os babilônios, por exemplo, já se dedicavam a esse tipo de estudo por volta do ano 2000 a.C. Os hindus desenvolveram uma forte tradição gramatical, por volta do século IV a.C. No mesmo período, os chineses estavam também iniciando suas reflexões gramaticais. Contudo, a gramática, como nós a conhecemos hoje, foi criação da cultura greco-romana. Os gregos e os romanos foram povos particularmente apaixonados por questões de linguagem. Por isso, suas reflexões nessa área – que duraram mais ou menos mil anos [...] – nasceram de diferentes fontes e, certamente, não é fácil resumir toda a grandeza de seu pensamento, até porque as diferentes tradições foram se interpenetrando na medida em que os estudos foram se ampliando e se refinando.

O foco deste estudo são os conceitos das oito partes do discurso nas gramáticas de dois célebres estudiosos da Grécia e da Roma antigas: Dionísio, o Trácio (170 – 90 a.C.) e Élio

¹Graduanda do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: vlids.let16@uea.edu.br

²Professor do Curso de Letras da Universidade do Estado de Amazonas (UEA). E-mail: valteir_martins@yahoo.com.br

Composição da banca: Prof. Dr. Valteir Martins (Orientador); Prof. Me. Francisco de Assis Costa de Lima (UFAM) e Profa. Dra. Silvana Martins (UEA).

Local: Escola Normal Superior – Sala Lúcio Cavalcanti.

Manaus, 31 de outubro de 2019.

Donato (320 – 380 d.C.), respectivamente. Essa questão é muito relevante, pois, dado o “combate” entre linguistas e gramáticos, no atual cenário científico dos últimos anos, considera-se essencial falar sobre as contribuições das gramáticas antigas, dentro do seu contexto de produção, já que destas vieram inúmeros desdobramentos acerca da língua e da linguagem. O presente trabalho busca mostrar e explicar os conceitos que os gramáticos, Dionísio e Donato, constituíram e usaram para categorizar as *partes orationis*³ em classes, bem como falar de possíveis divergências entre as mesmas. Para isso, as bases serão as constatações e concepções dos dois autores e suas respectivas influências no mundo ocidental – no que concerne ao tema em pauta, isto é, ao sistema gramatical grego e latino, que serviram de berço ao que é ensinado hoje nas escolas, especificamente o que diz respeito à estrutura das dez classes de palavras da língua portuguesa, apresentadas nas gramáticas tradicionais.

2. Procedimentos metodológicos

Para este trabalho a fonte de dados será bibliográfica. Usar-se-á como base para a análise proposta duas gramáticas antigas, de Dionísio e de Donato, as quais foram traduzidas, respectivamente, por Gissele Chapanski, em seu trabalho intitulado *Uma tradução da Tekhnē Grammatikē, de Dionísio Trácio, para o português*; e por Lucas Consolin Dezotti, em sua dissertação intitulada *Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório*. Em ambas as dissertações, os autores fazem muitas considerações sobre a contextualização das obras, assim como versam sobre questões circunscritas ao assunto tratado nas gramáticas e as influências que os gramáticos tiveram para escrever suas obras.

Far-se-ão aqui também algumas menções panorâmicas, apenas a título de conhecimento, sobre alguns tópicos que foram abordados nos trabalhos de Chapanski e Dezotti, visto que são importantes para a melhor compreensão e entendimento da análise final, bem como para a compreensão dos próprios escritos dos autores citados acima.

É importante salientar que trabalharemos com traduções de outros pesquisadores (mas sempre cotejando com os originais latinos e gregos). Isto implica outras discussões pertinentes a esta área, pois uma obra traduzida nunca será a mesma que a original, por mais que busquemos aproximação laboriosa com a língua de origem. Assim, o tradutor lida com vários problemas que são inerentes ao seu trabalho, tais como: a equivalência e o significado das palavras, a possibilidade de substituições linguísticas sem que haja maior alteração no sentido pretendido

³ Pode ser lido como **partes do discurso** ou **partes da oração**. No entanto, é importante não os tomar com os conceitos de oração e discurso que temos atualmente.

pelo autor caso não exista palavra correspondente na língua em que se está fazendo a tradução, e até mesmo a ordem das palavras no texto, que demanda atenção e cuidado (RODRIGUES, 2000). Percebe-se, então, que para fazer a tradução de obras desta natureza é requerido um alto nível de competência e conhecimento, já que se tratam de obras cujos autores faleceram há séculos, impossibilitando debater qualquer dúvida ou crítica de forma categórica.

3. Revisão da literatura

Nesta seção abordar-se-á a Gramática em seu sentido mais estrito e como ela é entendida na Antiguidade e nos nossos dias, além de mencionar como sua gênese se desenvolveu no contexto grego. Tocaremos também em pontos mais ligados à teoria gramatical e sobre o que alguns teóricos e linguistas debatem a esse respeito.

3.1 A Gramática

Nasceu na Antiguidade o que se chama de Paradigma Tradicional de Gramatização (PTG)⁴, como nos diz Vieira (2016, p. 23):

O PTG é o nosso legado alexandrino quando o assunto é a elaboração de gramáticas. Foi com os alexandrinos que se instituiu o campo doutrinário nas reflexões sobre a linguagem humana no Ocidente, limitando-se ao contexto da literatura clássica grega e da língua e do estilo de poetas e prosadores renomados – considerados os donos da língua correta, do bem falar e do escrever, sendo Homero seu representante maior.

Além disso, conforme o mesmo autor (VIEIRA, 2016, p. 23),

[...] os primeiros filólogos-gramáticos da história ocidental estabeleceram juízos de valor negativos para as inevitáveis transformações e diferenças do grego homérico, cometendo dois equívocos fundamentais: a distorção das relações entre fala e escrita; e a assunção da visão negativa da mudança linguística, considerada prejudicial à pureza do idioma grego.

Os alexandrinos fizeram um julgamento negativo das mudanças que ocorriam e que, para eles, manchavam o prestígio do grego usado nos poemas homéricos. Dessa forma, uma determinada leitura talvez equivocada de suas concepções acabou por dar início a certa tradição prescritivo-normativa da gramática e o preconceito linguístico nesse âmbito. Provém daí a hegemonia da língua escrita que a gramática exerce e seu distanciamento da língua falada, já

⁴ Entendida como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65 *apud* VIEIRA, 2016, p. 21).

que foi da literatura canônica que veio a notoriedade que as normas gramaticais obtiveram. Neves (2005, p. 113), sobre o surgimento da gramática, diz que

Era para facilitar a leitura dos primeiros poetas gregos que os gramáticos publicavam comentários e tratados de gramática, que cumpriam duas tarefas: estabelecer e explicar a língua desses autores (pesquisa) proteger da corrupção essa língua “pura” e “correta” (docência), já que a língua cotidianamente falada nos centros do helenismo era considerada corrompida. E, servindo à interpretação e à crítica, realiza-se o estudo metódico dos elementos da língua e compõe-se o que tradicionalmente seria qualificado propriamente como gramática.

Contudo, a gramática tem sido bastante discutida e criticada desde seus primórdios. Sexto Empírico (II – III d.C.), por exemplo, céptico pirrônico, faz uma dura invectiva aos gramáticos em seu escrito intitulado *Adversus Grammaticos*⁵, no qual ele questiona não apenas a posição do gramático e sua função, mas até mesmo a própria existência da Gramática. Sexto Empírico declara que

[...] o homem não eliminou as aporias, mas aumentou-as, e, nas mesmas palavras pelas quais pretende enaltecer a Gramática, ele a destrói. Assumamos, pois, que ela é o conhecimento de todos os discursos dos poetas e escritores. Então, visto que o conhecimento não é nada separado daquele que o conhece, a Gramática não é algo apartado do gramático que a conhece, assim como a caminhada não é nada separada do caminhante, nem a posição sem aquele que a ocupa, nem o deitar-se sem aquele que se deita. Foi acordado então que o gramático não possui conhecimento de tudo; pois não há um conhecimento de todas as coisas ditas pelos poetas e escritores, e, em consequência, tampouco a Gramática (*Adv., Gram., 74-75*).⁶

Entre os linguistas, hoje, também há críticas. Muitos destacam a questão de a variação linguística ser deixada de lado nas gramáticas atuais, de modo que muitos desses linguistas já se propuseram a tratar desse assunto como, por exemplo, Marcos Bagno (2012), Maria Helena de Moura Neves (1997), Mário Perini (2010), Ataliba Castilho (2010) e outros autores que estabelecem um diálogo crítico entre gramática e linguística. Apesar disso, as gramáticas descritivas e funcionalistas, em particular, mesmo sendo excelentes fontes de estudo, ainda não são tão conhecidas ou lidas por pessoas que não sejam da área de linguística, isto é, não são lidas pelo público geral. A maioria da população desconhece essas novas gramáticas, até porque – em relação à Gramática -, a Linguística é uma ciência nova e nas escolas há a predominância do ensino da gramática tradicional.

⁵ Tradução: “Contra os gramáticos”. Este é um dos livros da coletânea intitulada *Contra os Matemáticos (Adversus Mathematicos)*, a qual também se conhece por “Contra os Professores”, escrito em que o autor faz suas mais contundentes reflexões cétricas. A obra está dividida em seis livros: *Contra os Gramáticos*, *Contra os Retóricos*, *Contra os Geômetras*, *Contra os Aritméticos*, *Contra os Astrólogos* e *Contra os Músicos* – Livros de I à VI, respectivamente.

⁶ *Adversus Grammaticos*, 74-75.

No primeiro capítulo, da obra de Evanildo Bechara, “Gramáticas contemporâneas do Português, com a palavra os autores”, o autor fala da concepção de Gramática e aponta dois tipos: a descritiva e a normativa, ou prescritiva, assim definidas, segundo Bechara (2014, p.19):

- (a) *Gramática descritiva*, disciplina científica, que tem por objetivo registrar e descrever um sistema linguístico em todos os seus aspectos (e em todas as suas variedades), sem pretender recomendar um modelo exemplar;
- (b) *Gramática normativa* ou *prescritiva*, que, por seu turno, tem por finalidade didática recomendar um modelo de língua, assinalando as construções “corretas” e rejeitando as “incorretas”, ou não recomendadas pela tradição culta.

A primeira teria como foco mostrar o funcionamento da língua. Já a segunda, teria como principal função dizer como a língua deve funcionar, ao estabelecer regras e normas de uso para que sejam seguidas. Como já mencionado, o status de “nobreza” da gramática, como a arte do bom falar e do bom escrever, veio da literatura mais elitizada⁷, desde as épocas mais antigas até a contemporaneidade, já que a falta de acesso à educação e aos livros predominava. Desta forma, a Gramática que se formou a partir dos trabalhos de Dionísio e Donato segue invariavelmente o segundo modelo. Com a ascensão da Linguística, a questão da fala e de outros aspectos passaram a ser fatores expressivos para a criação de obras literárias mais acessíveis ao gosto e a linguagem do público, bem como, para a criação das gramáticas escritas por linguistas, que não se limitam exclusivamente à questão literária canônica.

4. Os cânones greco-romano

Dionísio, o Trácio e Élio Donato são considerados expoentes no que tange aos estudos gramaticais gregos e latinos da Antiguidade.

Seus trabalhos serviram de base para os estudos de distintos estudiosos da língua ainda na Antiguidade, tais como Varrão (I a.C.), Diómedes (IV a.C.), Prisciano (V- VI d.C.), Dionísio de Halicarnasso (I a.C.), Mário Vitorino (II - III d.C.) e outros. Contudo, mesmo com os estudos filológicos mais aprofundados, não é possível afirmar com toda certeza se de fato foram escritas unicamente por quem lhes foi atribuída a autoria, no caso a Dionísio, o Trácio e Élio Donato. Por isso, será levado em consideração o contexto em que foram escritas, assim como a distância temporal entre elas, e evidentemente, as discussões circunstanciais em relação às gramáticas de hoje.

⁷ Entenda-se este termo como referente às classes sociais mais prestigiadas dentro da sociedade grega e romana do período clássico e dos demais períodos, nos quais a leitura e a escrita eram reservadas àqueles com maior poder de aquisição e influência nas camadas sociais mais altas. Isto também se consagrou dentro da literatura de outros países, tais como: Portugal, Inglaterra, França e até mesmo o Brasil.

4.1 Dionísio, o Trácio

Para o estudo do texto de Dionísio, o Trácio, como já mencionamos, utilizar-nos-emos do trabalho de Chapanski (2003). Ali, a autora faz uma tradução anotada da obra dionisiana e aborda pontos indispensáveis para trilhar o caminho percorrido pelo trácio na produção da sua *Tekhnē Grammatikē*⁸. O trabalho de Chapanski é um estudo sobre as condições de surgimento da disciplina gramatical no Ocidente, cuja tradição considera a gramática de Dionísio a primeira gramática escrita.

Pouco se sabe sobre a figura de Dionísio, mas os textos e anotações antigas, que lhes dizem respeito, geralmente concordam entre si. Dionísio teria nascido em Alexandria, apesar de ser vinculado à Trácia – e teria sido discípulo do gramático alexandrino Aristarco de Samos (III a.C.). Certamente, então, foi aluno em Alexandria e teria ido, por volta de 144 a. C. trabalhar como gramático em Rodes, outro centro cultural do mundo helênico antigo, tão importante quanto Alexandria ou Pérgamo (VIEIRA, 2018). Lá ele teria praticado a exegese⁹ de Homero, ou seja uma gramática não técnica, e ensinou-a a seus alunos, que aprimoraram e se destacaram na realização das práticas gramaticais.

4.2 Élio Donato

Recolheremos do trabalho de Dezotti (2011), no qual o acadêmico faz uma tradução das duas partes que compõem a *Ars Grammatica*¹⁰, os estudos que embasarão nossas considerações concernentes a Donato.

Donato é um autor não tão citado e afamado quanto Dionísio. Sabe-se que ele participou da vida pública em Roma, no decorrer do século IV d.C., ocupando uma das cadeiras municipais de professor de gramática. Um de seus alunos mais célebres foi Jerônimo de Strídon (340 – 420 d.C.), que foi considerado santo pela Igreja Católica. Segundo Dezotti,

Donato foi mais sábio que a maioria dos escritores de arte gramática porque, dentre os diversos assuntos abordados por essa arte, resolveu começar seu tratado pelo estudo das oito partes da oração, que é o único que pertence exclusivamente ao ofício do gramático [...] De fato, se antes de Donato cada professor fazia seu próprio resumo de gramática ou escolhia entre os vários resumos disponíveis, após Donato a escolha perde o sentido: a *Ars Donati* se impõe como texto básico a partir do qual se pode organizar todo o ensino (2010, p.2).

⁸ Pode ler-se como arte gramatical, técnica gramatical.

⁹Entendida como análise, interpretação ou explicação detalhada e cuidadosa de uma obra, um texto, uma palavra ou expressão, principalmente de textos bíblicos. A palavra deriva do grego *exégésis*, que significa “interpretação”, “tradução” ou “levar para fora/ expor os fatos” (Houaiss, 2011)

¹⁰ Leia-se como Arte Gramatical.

Sua *Ars Grammatica* perpetuou-se através dos séculos - talvez por sua clareza e simplicidade - e forneceu ao início do Renascimento o modelo fundamental para a constituição das gramáticas vernaculares. Seu nome está na maioria dos relatos sobre os conhecimentos linguísticos na Antiguidade, dos mais simples aos mais bem elaborados.

5. As obras

As gramáticas de Dionísio e Donato eram, na verdade, pequenos escritos em papiros e pergaminhos, que teriam de 15 a 40 folhas, e que tentam explicar as partes da oração/discurso (*partes orationis*) de forma clara e simples para um bom aprendizado.

Mas sobre a forma de conservação e cópia dos escritos recai uma discussão referente à autenticidade do texto original, ligada à questão da oralidade e à conservação do material. Diz-se que

a cultura do período antigo é fundamentalmente oral. Mesmo porque a circulação de materiais escritos, papiros, pergaminhos é restrita: trata-se de materiais de custo elevado, relativamente frágeis e de difícil armazenamento. Até o simples manuseio desses materiais torna a leitura dos escritos neles contidos fisicamente complexa: há que se enrolar e desenrolar simultaneamente os lados opostos do rolo de papiro e percorrê-lo talvez inteiro para se encontrar um trecho desejado. A circulação maciça de conhecimentos, as citações intertextuais, não dependem, então, única ou mormente da transmissão escrita. É bem provável que numa cultura em que a oralidade é a norma, ouvir a escrita seja prazeroso e útil, muitas vezes, já que poucos teriam acesso objetivo exclusivo a textos escritos, a "livros", seja por dificuldade de aquisição material, seja por analfabetismo (CHAPANSKI, 2003, p. 78).

Contudo, por motivos metodológicos não discutiremos aqui essa questão. Vamos nos ater à observação do que nos chegou através das fontes mais confiáveis e a respectiva discussão, objeto deste artigo.

5.1 *Tekhnē Grammatikē*

A *Tekhnē Grammatikē*, que teria sido escrita por volta do século II a.C., trata de algumas definições do que hoje se compreende como as “classes de palavras”, embora nem a interjeição, nem o adjetivo nem o numeral sejam ali elencados. Mas antes de tudo, Chapanski (2003, p. 3) destaca uma distinção entre os *grammatikós* e os *grammatistés*. Aqueles eram os estudiosos que se empenhavam no estudo da ciência das letras, isto é, a ciência que era praticada pelos primeiros bibliotecários de Alexandria, que se ocupavam de estudar e fazer a crítica textual, analisando os textos literários para assim desenvolver modos de tratar os fenômenos

linguísticos. Já os *grammatistés* eram responsáveis pelo ensino das primeiras letras, não se empenhando em estudar mais aprofundadamente as questões linguísticas.

Fazendo uma analogia deveras informal e ainda rudimentar, poder-se-ia dizer que os *grammatikós* eram o que hoje chamaríamos de crítico linguístico/literário, alguém que se dedica a estudar com afinco as causas de fenômenos linguísticos através dos textos. E os *grammatistés* seriam, hoje, os professores que lecionam na educação básica, indivíduos que estão mais focados em ensinar o “bê-á-bá” aos alunos, transmitindo-lhes os conhecimentos primordiais que serão aprimorados pelos estudantes, no decorrer de sua vida escolar. Não tinham nenhum compromisso em analisar e criticar as produções de seus alunos, somente ensiná-los o básico, para que se fosse do desejo deles, pudessem seguir com estudos mais avançados.

Dos estudos elaborados pelos *grammatikós*, surgiram alguns manuais ou técnicas gramaticais, chamadas de *tékhnai grammatikaí*¹¹. Eram como um jogo de perguntas e respostas, dinâmico e de fácil entendimento. A *Tekhnē Grammatikē*, de Dionísio, seria um desses manuais, cuja autoria foi atribuída a ele por ter feito a compilação dos estudos de outros teóricos e difundido esse manual. Contudo, as *tékhnai grammatikaí* não se destinavam aos ensinamentos iniciais. A aceitação desse material foi tão boa que atravessou séculos, servindo de base inclusive para Donato.

5.2 *Ars Grammatica: Ars Minor*

A *Ars Grammatica* de Donato é sem dúvida uma obra de enorme valia aos estudos sobre a linguagem. A *Ars Minor* é a primeira parte da *Ars Grammatica*, e a ela seguem-se mais três partes – *Ars Maior I, II e III*, as quais tratam de outros assuntos, como a sílaba, métrica, som, ritmo, etc. A grande notoriedade da Arte de Donato (*Ars Donati*) está na forma como ele trabalhou seu texto e no reconhecimento de sua técnica para tratar do assunto. De fato, “esta obra, escrita entre 340 e 350 d.C., suplantou todas as outras e alterou o modo de produção de manuais de gramática no fim da Antiguidade” (DEZOTTI, 2010, p. 2). Isto porque os gramáticos desta época tinham o hábito de escrever sobre outras temáticas que envolvem o discurso e a linguagem, de modo que o entendimento do que se pretendia ensinar acabava por ficar confuso e desconexo nos escritos, dificultando a leitura e a compreensão.

¹¹ As *tékhnai grammatikaí* eram um gênero da escrita que elencava definições dos objetos de determinada área, não necessariamente gramatical, e as exemplificava. Além da gramática, elas teriam servido, por exemplo, à medicina e à retórica (VIEIRA, 2018, p. 48).

Cerca de um século depois que foi publicada, a obra de Donato passou a ser estudada segundo a exegese¹², tal como os textos homéricos haviam sido antes. A partir deste ponto surgem vários comentários sobre o que estava exposto no texto de Donato, comentários estes que complementavam a explicação dada pelo gramático, uma vez que sua criação era bastante direta e objetiva, mas dava espaço para dúvidas que não tinham sua resposta ali. Gramáticos tais como Sérvio (III – IV d.C.) e Pompeio (IV d.C.) se dedicaram a estudar e analisar a *Ars Donati* e fizeram muitas críticas a ela. Muitos dos conceitos que estão presentes na *Ars Grammatica* vieram do que já havia sido escrito por Dionísio, o Trácio e foi desenvolvido, aprimorado e adaptado - e até retirado ou reduzido - pelos romanos.

6. As partes orationis

Nesta seção faremos a exposição das traduções feitas por Chapanski (2003) e por Dezotti (2011) acerca das oito partes da frase ou oito partes da oração, em cada uma das obras. Note-se que os antigos enumeraram apenas oito categorias gramaticais e não dez, como temos hoje, pois a classe dos numerais e dos adjetivos só foram adicionadas mais tarde, numa formulação que agregou também a classe dos artigos e das interjeições. Discutiremos aqui unicamente as definições centrais sobre cada parte da oração – que geralmente apresentam uma definição, divisões do item tratado e, somente às vezes, trazem exemplos -, não nos detendo nas explicações que seguem cada seção, pois as mesmas são muito extensas e não são o foco deste trabalho.

Para melhor visualizar e comparar as traduções, as mesmas foram colocadas em uma tabela, lado a lado e agrupadas segundo seu assunto. Seguem abaixo as traduções de Chapanski e de Dezotti, acerca das partes da oração na *Tekhnē Grammatikē* e na *Ars Minor*. Os excertos foram transcritos tais quais aparecem nos trabalhos dos autores, mas não com a mesma fonte e também sem as notas de rodapé que lhes acompanham.

6.1 Traduções

<i>Tekhnē Grammatikē</i> (Dionísio, o Trácio)	Tradução da <i>Ars Minor</i> (Élio Donato)
PRINCÍPIO DAS OITO PARTES DA FRASE	1. SOBRE AS PARTES DA ORAÇÃO As partes da oração são quantas? Oito. Quais? Nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição e interjeição.

¹² Ser estudada segundo a exegese significa que os textos de Donato passaram a ser trabalhados de forma mais exploratória e detalhada, buscando explicar as noções propostas por ele. Os comentaristas de Donato tencionavam tornar mais claras as definições dadas por ele, bem como contestá-las ou refutá-las (Dezotti, 2010).

<p>12 DO NOME Nome é uma parte da frase sujeita à variação de caso, que designa um corpo ou uma coisa abstrata - um corpo, como em 'pedra', uma coisa abstrata como em 'educação' -, que pode ter sentido geral ou específico - geral, como em 'homem <ou> 'cavalo', específico/ próprio, como em 'Sócrates'. Há cinco atributos do nome: gênero, espécie, forma, número, caso.</p>	<p>2. SOBRE O NOME Nome é o quê? É a parte da oração com caso que significa um corpo ou uma ideia de modo próprio ou comum. O nome tem quantos acidentes? Seis. Quais? Qualidade, comparação, gênero, número, figura e caso.</p>
<p>13. DO VERBO O verbo é uma palavra não sujeita à variação de caso, que admite tempo, pessoas, números e exprime atividade ou passividade. Há oito acidentes do verbo: o modo, a diátese, a espécie, a forma, o número, a pessoa, o tempo e a conjugação.</p>	<p>4. SOBRE O VERBO Verbo é o quê? É a parte da oração com tempo e pessoa, sem caso, que significa fazer algo ou ser afetado, ou nenhum dos dois. O verbo tem quantos acidentes? Sete. Quais? Qualidade, conjugação, gênero, número, figura, tempo e pessoa.</p>
<p>15 DO PARTICÍPIO O particípio é uma palavra que participa da propriedade dos verbos e da dos nomes. Ele tem os mesmos atributos que o nome e o verbo, exceto a pessoa e o modo.</p>	<p>6. SOBRE O PARTICÍPIO Particípio é o quê? É a parte da oração que traz parte do nome e parte do verbo: de nome, gêneros e casos; de verbo, tempos e significações; de ambos, número e figura. O particípio tem quantos acidentes? Seis. Quais? Gêneros, casos, tempos, significações, número e figura.</p>
<p>16 DO ARTIGO O artigo é uma parte da frase sujeita à variação de caso, preposta ou posposta à declinação dos nomes: o prepositivo é <i>ho</i>, e o pospositivo, <i>hós</i>.</p>	<p>9. SOBRE A INTERJEIÇÃO O que é interjeição? É a parte da oração que significa um afeto da mente por meio de uma voz confusa. A interjeição tem que acidente? Apenas significação. Em que consiste a significação da interjeição? É que ou significamos alegria, como <i>euax</i>, ou dor, como <i>heu</i>, ou admiração, como <i>papae</i>, ou medo, como <i>attat</i>, entre outras semelhantes.</p>
<p>17 DO PRONOME O pronome é a palavra empregada em vez de um nome e que indica pessoas determinadas. Há seis acidentes dos pronomes: pessoa, gênero, número, caso, forma e espécie.</p>	<p>3. SOBRE O PRONOME Pronome é o quê? É a parte da oração que, empregada no lugar do nome, significa quase o mesmo e às vezes traz a pessoa. O pronome tem quantos acidentes? Seis. Quais? Qualidade, gênero, número, figura, pessoa e caso.</p>
<p>18 DA PREPOSIÇÃO A preposição é uma palavra pré posta a todas as partes da frase em composição ou construção (sintaxe). Há dezoito preposições ao todo. Seis delas são monossilábicas - <i>en</i>, <i>eis</i>, <i>ex</i>, <i>sun</i>, <i>pró</i>, <i>prós</i> - e não realizam anástrofe, e doze são dissilábicas - <i>aná</i>, <i>katá</i>, <i>diá</i>, <i>metá</i>, <i>pará</i>, <i>pen</i>, <i>amphí</i>, <i>apó</i>, <i>hupó</i>, <i>hupér</i>.</p>	<p>8. SOBRE A PREPOSIÇÃO Preposição é o quê? É a parte da oração que, preposta às outras partes da oração, complementa, altera ou diminui a significação delas. A preposição tem quantos acidentes? Um. Qual? Somente caso. Quantos? Dois. Quais? Acusativo e ablativo.</p>
<p>19 DO ADVÉRBIO O advérbio é uma parte da sentença que não tem flexão, e qualifica os verbos ou é complementar a eles. Dentre os advérbios, alguns são simples, outros, compostos. Os simples têm como</p>	<p>5. SOBRE O ADVÉRBIO Advérbio é o quê? É a parte da oração que, colocada junto do verbo, esclarece e completa a significação dele. O advérbio tem quantos acidentes? Três. Quais? Significação, comparação e figura.</p>

exemplo <i>pálai</i> (primordial, de antigamente), e os compostos, <i>propálai</i> (há muito tempo)	
20 DAS CONJUNÇÕES Conjunção é uma palavra que liga o pensamento ordenadamente e torna evidentes dados implícitos da expressão. Dentre as conjunções há as copulativas, as disjuntivas, as conectivas (sinápticas), as subconectivas (parasinápticas), as causais, as dubitativas, as silogísticas e as expletivas.	7. SOBRE A CONJUNÇÃO Conjunção é o quê? É a parte da oração que conecta e ordena a sentença. A conjunção tem quantos acidentes? Três. Quais? Propriedade, figura e ordem.

É possível, de imediato, perceber que entre as oito partes colocadas em cada tradução, uma dentre elas “não existe” na outra. De fato, o artigo não tem uma classe dedicada, exclusivamente, para si na gramática latina, e o mesmo acontece com a interjeição na gramática grega. Sendo assim, passemos à análise das definições encontradas.

7. Análise dos conceitos

Na gramática de Dionísio fala-se em partes da frase, e não em oração (*partes orationis*) como em Donato. Obviamente, estes termos não são entendidos tais quais são hoje, mas ainda podem ter uma relação de semelhança e aproximação, como se fossem sinônimos. As concepções gregas e latinas sobre o que era a gramática, possivelmente, eram diferentes, pois eles levavam em conta aspectos como a voz e a entonação, por exemplo. Mas, se tomarmos em consideração que frase e oração seriam a combinação ordenada e harmoniosa das palavras – tidas como a menor parte da frase/oração, e que esta combinação resultaria em algo inteligível e compreensível, os dois vocábulos passam a significar a mesma coisa. Na *Ars Minor*, após o título da seção, seguem-se duas questões: Quantas e quais são as partes da oração? Isto demonstra que, de início, Donato já buscava preparar seu leitor para o que ele viria a ler. O mesmo não ocorre na *Tekhnē Grammatikē*.

7.1. Sobre o nome (o substantivo)

Percebe-se que as definições são parecidas, mas na gramática de Dionísio há exemplos que se seguem às explicações. Estas explicações já representam algumas divisões dentro do item “nome”. Na obra donatiana isso não acontece. Há uma definição do que é nome e logo após há a pergunta sobre quantos e quais são os “acidentes do nome”. Apresentam-se seis: qualidade, comparação, gênero, número, figura e caso. Na *Tekhnē* são apresentados cinco “atributos do nome”: gênero, espécie, forma, número e caso. Atributo e acidente equivaleriam

às características do nome, tanto que na *Tekhnē Grammatikē*, o uso dessas palavras é alternado.

Veja ao que se refere cada atributo/acidente:

- Gênero diz respeito a masculino, feminino ou neutro (ausência de sexo);
- Número diz respeito a singular, dual (no caso do grego) e plural – equivalentes a: um, dois ou mais de dois, respectivamente;
- Caso equivaleria às funções sintáticas que temos hoje (sujeito, predicativo do sujeito, adjunto adnominal, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial e vocativo – no grego há 5 casos (nominativo, genitivo, acusativo, dativo e vocativo), em latim há 6 casos (nominativo, genitivo, acusativo, dativo, ablativo e vocativo);
- Qualidade diz respeito a ser próprio ou denominativo – qualidades próprias ou comuns dos nomes;
- Comparação diz respeito aos graus de comparação dos nomes – positivo, comparativo e superlativo -, o que depois foi desmembrado e tornou-se a classe dos adjetivos;
- Figura diz respeito ao nome ser simples ou composto;
- Espécie diz respeito ao processo de derivação da palavra – se primitivas ou derivadas;
- Forma trata da composição, da junção de elementos para formar a palavra.

Vê-se que em latim há características que não aparecem na definição grega. Deve-se isso à evolução que ocorreu na língua e nos estudos gramaticais. É bem provável que tenham ocorrido junções e/ou desmembramentos do que antes estava colocado em partes. A noção de figura, espécie e forma, cuja nomenclatura mudou, são hoje divisões dos tipos de substantivos – substantivo simples, composto, primitivo ou derivado, formado por justaposição ou aglutinação. Cada um dos elementos acima é mais detalhado e exemplificado nas obras. Há outras questões que são particulares da língua grega e língua da latina, mas que no decorrer do tempo foram desaparecendo e não chegaram até os dias correntes.

7.2. Sobre o verbo

As acepções, tanto na *Tekhnē* quanto na *Ars Minor*, admitem que o verbo não tem caso, mas apresenta número, pessoa, tempo e que pode exprimir uma ação (fazer algo) ou passividade (ser afetado por algo). Donato fala ainda que existe a possibilidade de não acontecer nem a ação, nem a passividade. É possível que nesta citação, ele estivesse falando dos verbos de ligação (sem essa nomenclatura atual), pois, os mesmos indicam um estado e não uma ação, não existe voz passiva com verbo de ligação. Após essa exposição, seguem-se os atributos/acidentes do verbo, que na *Tekhnē* são oito: modo, diátese, espécie, forma, número, pessoa, tempo e conjugação; e na *Ars Minor* são sete: qualidade, conjugação, gênero, número, figura, tempo e pessoa.

Percebe-se que conjugação, número, tempo e pessoa são comuns em ambas gramáticas, mas não têm uma definição totalmente igual.

- Conjugação refere-se às 3 terminações principais dos verbos (ar, er e ir)¹³;
- Número fala de singular e plural;
- Tempo se refere ao presente, passado e futuro;
- Pessoa diz respeito a primeira, segunda e terceira pessoa do singular ou do plural
- Modo se refere às modalidades de enunciação, que caracterizam os tipos de frases: desejo, interrogação, contestação e ordem;
- Díatese seria entendida hoje como a voz verbal (ativa, passiva ou mesmo a voz média do grego), pois indica uma característica do verbo;
- Qualidade diz respeito aos modos e formas;
- Gênero diz respeito aos verbos ativos, passivos, neutros, depoentes e comuns em latim;
- Espécie é a mesma encontrada no nome – primitiva e derivada;
- Forma é a mesma do nome – composição da palavra, no caso, do verbo;
- Figura trata de verbos simples e compostos.

Cada um desses termos tem explicação mais elaborada dentro da gramática donatiana e da dionisiana, bem como exemplos que melhor expressam seus conceitos. Pode-se admitir que espécie, forma e figura são subcategorias de agrupamento das palavras, de modo geral. Como o foco não é fazer uma análise técnica dos termos usados, uma questão que poderia ser elaborada e debatida posteriormente seria a de compreender como essas subdivisões podem estar ligadas, pois muitos anos transcorreram até que espécie, forma e figura fossem consideradas classificações referentes às classes de palavras. Novamente, percebe-se que existem características diferentes entre as gramáticas. Talvez, por um termo não existir na outra língua, ou mesmo porque tal fenômeno não existia ou não era reconhecido pelos estudiosos.

7.3. Sobre o participípio

Fala-se que o participípio é uma parte da oração que traz parte do nome e do verbo, ou seja, tem características de ambos. Atualmente, segundo Houaiss, o participípio é “uma das formas nominais do verbo, com características de substantivo, adjetivo ou verbo[...] (HOUAISS, 2011, p. 702). Os acidentes do participípio seriam:

- Gênero se refere a masculino, feminino, neutro e comum aos três gêneros (em latim¹⁴);
- Caso trata das funções sintáticas já mencionadas;
- Tem po diz respeito ao presente, passado e futuro;

¹³ As terminações aqui mencionadas dizem respeito às terminações conhecidas na língua portuguesa.

¹⁴ Em grego esta divisão só vai até o neutro. Em latim, havia participípio para os quatro gêneros: *hic lectus*, *haec lecta*, *hoc lectum* e *hic, haec, hoc legens*. Traduzidos, respectivamente, como: “o que foi lido”, “a que foi lida”, “o que foi lido” (neutro) e “o que lê”, “a que lê” e “o que lê” (neutro) (DEZOTTI, 2011, p. 123).

- Significações tange aos tempos e gêneros dos verbos¹⁵;
- Número diz respeito a singular e plural;
- Figura toca acerca do particípio ser simples ou composto.

A Tekhnē não apresenta em sua explicação as características do particípio e nem dá exemplos, só é dito que o particípio tem as mesmas características do nome e do verbo, com exceção de modo e pessoa. Essa explicação é unicamente o que aparece na tradução e na obra. Já Donato explicita e exemplifica cada um dos acidentes do particípio. Há também a declinação do particípio, que aparece quando se trata das significações do mesmo. A gramática donatiana é bem mais conceitual e expositiva que a dionisiana.

7.4. Sobre o pronome

A definição usada para o pronome é parecida entre as gramáticas. Diz –se que pronome é a palavra que pode ser utilizada no lugar do nome. Tanto a *Tekhnē* quanto a *Ars Minor* dizem que há seis acidentes do pronome:

- Pessoa, na *Ars Minor*, refere-se às pessoas do verbo (1^a, 2^a e 3^a pessoa do singular e do plural, mas na Tekhnē, pessoa diz respeito a uma subdivisão dos pronomes – primitivos e derivados-, que equivaleria hoje aos pronomes pessoais e demonstrativos.;
- Gênero trata de o pronome estar no masculino, feminino, neutro ou comum (em latim);
- Número diz respeito a singular, dual (no grego) e plural;
- Caso se refere às funções sintáticas (nominativo, genitivo, acusativo, dativo, ablativo e vocativo);
- Forma, espécie e figura dizem respeito as subdivisões dos pronomes enquanto palavra – se são simples ou compostos, primitivos ou derivados e por qual processo surgiram;
- Qualidade (na gramática donatiana) diz respeito ao pronome ser indefinido ou definido. Os definidos trazem as pessoas, os indefinidos não possuem pessoa.

. Percebe-se novamente que as noções de forma, espécie e figura se repetem nesta classe. Isto porque estas definições dizem respeito à formação da palavra, sua origem e classificação. Ao se tratar da qualidade dos pronomes, em latim, surge algo que não está presente na Tekhnē: a divisão dos pronomes em definidos e indefinidos. Possivelmente, os latinos fizeram isto

¹⁵ “É que do verbo ativo vêm dois participios, um presente e um futuro, como *legens* (que lê), *lecturus*(que há de ler); do passivo dois, um pretérito e um futuro, como *lectus* (que foi lido), *legendus* (que será lido); do neutro dois, assim como do ativo, um presente e um futuro, como *stans* (que fica), *staturus* (que há de ficar); do deponente três, um presente, um pretérito e um futuro, como *loquens*(que fala), *locutus* (que falou), *locuturus* (que há de falar); do comum quatro, um presente, um pretérito e dois futuros, como *crimians*(que acusa), *crimianus* (que foi acusado), *crimianurus* (que há de acusar), *crimianendus* (que há de ser acusado)” (DEZOTTI, 2011, p. 124). As traduções entre parêntesis foram colocadas por mim.

devido à utilização, em grego, da ausência do artigo para indicar indefinição, enquanto que os romanos se utilizaram dos pronomes para esse fim.

7.5. Sobre a preposição

Buscando-se um consenso entre as definições, dir-se-ia que a preposição é um termo preposto às palavras, que as auxilia, podendo alterá-las. Esta definição não é considerada suficiente para distinguir a preposição das demais partes da oração/discurso, já que tanto em latim quanto em grego as palavras não possuem uma ordem fixa. E, atualmente, a preposição não exerce função de uma das classes primordiais da frase/oração, como o substantivo (nome) e o verbo.

Na *Tekhnē*, tal como o particípio, a preposição não traz uma seção mais exemplificada e detalhada. As preposições não eram tão utilizadas no grego clássico. O que é dito é que em grego há 18 preposições: 6 são monossilábicas (*en, eis, ex, sun, pró, prós*) e 12 são dissilábicas (*aná, katá, diá, metá, pará, pen, amphí, apó, hupó, hupér*). Em Donato, fala-se que as preposições têm um acidente, que é o caso. Em latim, as preposições admitem dois deles: dativo e ablativo. E algumas preposições admitem os dois casos. Na *Ars Minor*, há uma lista com as preposições de cada caso. Uma particularidade que pode acontecer, é que certas preposições latinas (*in, sub, super, supter*) podem acompanhar tanto acusativo quanto ablativo. Em ambas gramáticas, este assunto não é tão desenvolvido, mas a diferença entre a abordagem de Donato em relação a Dionísio é bem mais significativa.

7.6. Sobre o advérbio

O advérbio é uma parte da oração que é colocada junto ao verbo, para complementar a ideia pretendida por ele. O advérbio não tem flexão, é invariável, e pode ser simples ou composto, segundo a *Tekhnē*; na *Ars Minor* é dito que há 3 acidentes do advérbio - significação, comparação e figura. Seriam concebidos como:

- Significação abarcaria as subdivisões dos advérbios, o que eles indicam. Entra aí a subdivisão em advérbios de: modo, número, tempo, lugar, negação, afirmação, desejo, exortação, ordem, reclamação, demonstração, interrogação semelhança, qualidade, quantidade, dúvida, pessoais, interpelação, resposta, separação, juramento, escolha, reunião, proibição, eventualidade, comparação, meio, maneira, surpresa, suposição, agregação, intensidade, coletividade, êxtase religioso¹⁶, por exemplo;

¹⁶ Exemplos retirados das traduções de Chapanski e Dezotti.

- Comparação diz respeito aos graus de comparação – positivo, comparativo e superlativo;
- Figura se refere a ao fato que o advérbio pode ser simples ou composto. Simples como em *docte* (experiente), *prudenter* (discretamente); compostos como em *indocte* (inexperiente), *imprudenter* (indiscretamente)¹⁷.

Na característica da significação, encontram-se muitos dos tipos de advérbios conhecidos, que continuam nesta classe até os dias correntes. Contudo, há tipos que diriam respeito à outras classes admitidas hoje, tais como os adjetivos, os numerais e as interjeições. Presume-se desta observação que, antes da separação das partes da oração em dez classes de palavras, a classe do advérbio continha as demais classes que surgiram posteriormente.

No que tange à característica da figura, já que esta trata da formação das palavras, vemos que há indícios do que conhecemos como os afixos, no caso, o prefixo. A ideia de ser simples ou composto, é justamente o processo de agregar algo à palavra para que ela seja entendida ou signifique outra coisa, tendo um sentido negativo ou contrário, por exemplo. Ambas as obras não se aprofundam nesse tema. Há a divisão dos tipos de advérbios e um ou dois exemplos para cada tipo de advérbio e nada mais que isso.

7.7. Sobre a conjunção

Acerca da conjunção, é afirmado que ela é a parte da oração que é responsável por conectar e ordenar a frase/oração/sentença. A *Tekhnē*, assim que termina sua conceituação do que é a conjunção, apresenta os tipos de conjunção - as copulativas, as disjuntivas, as conectivas, as subconectivas, as causais, as dubitativas, as silogísticas e as expletivas. A *Ars Minor* traz quais são os acidentes da conjunção, entendidos como:

- Propriedade refere-se à divisão das conjunções em: copulativas, disjuntivas, expletivas, causais e racionais. As copulativas são as conjunções que dão coesão ao texto (frase, oração, sentença, expressão), como “e” e “mas”. As disjuntivas são aquelas que tornam a oração coesa, mas que podem apartar o sentido da mesma, como “ou” e “nem”. As expletivas são aquelas que completam ou dão ênfase ao sentido da frase, como “na verdade”, “ainda que”, “ao menos”, “é claro que”, “contudo”. As causais são as conjunções que exprimem a causa de algo, o motivo pelo qual se faz algo, como “se”, “se não”, “mesmo se”, “pois”, “uma vez que”, “para que não”. E as conjunções racionais são aquelas que alguém utiliza para pensar logicamente sobre algo, pensar raciocinadamente, são elas: “portanto”, “assim sendo”, “por isso”, “porque”, “já que”.
- Figura trata da composição da conjunção – simples ou composta;
- Ordem diz respeito à posição da conjunção na frase – preposta, posposta ou comum, ou seja, que pode aparecer em ambas posições.

¹⁷ As traduções entre parêntesis foram de escolha minha, pois são de conhecimento mais comum, e não seguem as mesmas feitas por Lucas Dezotti.

Na gramática dionisiana aparecem outras categorias de conjunção: as copulativas, as disjuntivas, as conectivas - também chamadas sinápticas, as subconectivas - parasinápticas, as causais, as dubitativas, as silogísticas e as expletivas.

O conceito das conjunções copulativas, disjuntivas, causais e expletivas é parecido entre as gramáticas, já que concordam com a ideia central sobre cada uma delas. Mas, na *Tekhnē Grammatikē*, diz-se que as expletivas são empregadas com finalidade métrica ou simplesmente ornamental. Quanto às outras categorias que aparecem na *Tekhnē*: as coligativas são aquelas que não indicam uma situação existente, mas uma consequência, uma possibilidade, como o “se”, “e se”; as subconectivas são aquelas que indicam uma situação existente e uma ordenação sequencial, dão ideia de tempo, como “quando” e “desde”; as dubitativas são aquelas utilizadas para dar ideia de dúvida, como: “talvez”; e as silogísticas são aquelas utilizadas para dar ideia de conclusão ou consequência, como: “então” e “portanto”.

Partindo dessas observações e divisões feitas, nota-se que pode ter havido um agrupamento de algumas categorias dentro de outras. A categoria das conjunções silogísticas passou a ser a categoria das conjunções racionais. A categoria das conjunções coligativas passou a integrar as conjunções causais. Atualmente estas categorias seriam divididas em dois grandes grupos de conjunções: as conjunções subordinativas condicionais causais, temporais, concessivas, consecutivas, finais, comparativas e integrantes; e as conjunções coordenativas copulativas, disjuntivas, adversativas e conclusivas.

Por se tratar de um trabalho que ainda estava em seu início, e que ainda não estava satisfatoriamente alicerçado, as definições encontradas na *Tekhnē* são um tanto desalinhadas e algumas conjunções se repetem, de modo que podem exercer duas funções. O conjunto das conjunções ainda não estava fechado na Antiguidade (CHAPANSKI, 2003). A gramática de Dionísio apresenta nove subdivisões das conjunções, mas há autores que apresentaram bem mais que isso, em estudos posteriores. A conjunção, ainda que apareça apenas como um conector, não é tão desmerecida quanto aparenta. Sabe-se, pois, que ela une duas sentenças e, que individualmente, cada sentença pode significar uma coisa, porém juntas, o significado da mesma sentença pode ser totalmente outro.

7.8. Sobre a interjeição

Neste tópico, comentar-se-á sobre a classe das interjeições, a qual só aparece na *Ars Minor*. Começemos pela definição encontrada, onde temos que interjeição: “É a parte da oração que significa um afeto da mente por meio de uma voz confusa”. Percebe-se aqui a tentativa da

explicação, que tem um pouco de cunho filosófico, quando fala sobre ser um “afeto da mente”. No texto original a palavra traduzida como mente é *mentis*, que segundo Faria, poderia ser também traduzida por “o espírito (em oposição a corpo) ou a inteligência” (FARIA, 1985, p. 337). Distingue-se aqui que, a interjeição não é algo do corpo em si, mas algo do campo das ideias, dos sentimentos, das sensações, daquilo que está dentro de nossa cabeça, mas que muitas vezes não pode ser expressado racionalmente, daí advém ser “uma voz confusa”.

Após essa explanação, pergunta-se quais são os acidentes da interjeição, e por resposta obtém-se apenas um: a significação. Esta diz respeito ao estado/condição que se quer expressar ao usá-la. Exemplos de uso da interjeição mostram-se em momentos de alegria, dor, admiração, medo e outros. A interjeição é um modo de expressar-se gramaticalmente.

7.9. Sobre o artigo

Em grego existe apenas o artigo definido. Assim sendo, a ausência de artigo indica indefinição da palavra. Na tradução de Chapanski, o artigo aparece como sendo uma parte da frase que apresenta três atributos: gênero, número e caso, e que pode aparecer posposto - atuando como pronome relativo -, ou preposto ao nome - atuando como artigo definido. O artigo posposto é acentuado (hós) e o preposto não (ho). Conforme Chapanski (2003, p. 168):

As funções sintáticas, assim como a semântica, desses dois artigos, são, a princípio, bastante distintas. Resta, diante disso, crer que, para compreendê-los numa única classe, DT baseou-se nas fortes coincidências morfológicas, e também naquilo que julgou ser a capacidade comum de ambos, a *articulação* de conteúdos.

O artigo apresenta 3 gêneros: masculino, feminino e neutro, para coisas. Os números são: singular, plural e dual. E os casos são: nominativo, genitivo, acusativo, dativo e vocativo. O artigo é declinável conforme seu caso, mas no vocativo utiliza-se apenas o chamamento ‘ó’, isto é, uma interjeição. As declinações de alguns gêneros dos artigos podem ser iguais em alguns casos, bem como pode ser igual a de outras classes.

Como o artigo é uma classe pertencente ao grego, há muitos apontamentos particulares acerca dessa classe da língua, que compõe as dez classes gramaticais até os dias correntes. Uma vez que o artigo tratado por Dionísio é o pertencente ao grego clássico, com a evolução da língua grega, alguns elementos foram perdendo-se ou foram alterando-se. Tais mudanças contribuíram para que obtivéssemos mais clareza acerca da língua (seus termos gramaticais), bem como para um melhor uso por aqueles que dela se valiam e repassavam-na adiante.

8. Considerações finais

Este trabalho é um pequeno recorte que diz respeito à Gramática e suas partes, chamadas hodiernamente de classes gramaticais. Desta vasta área, este trabalho visou traçar uma comparação panorâmica entre dois tratados gramaticais antigos, através de comentários acerca das definições encontradas nas respectivas traduções. Uma serviu de base e apoio à outra, ainda que a distância temporal entre elas chegue a mais de 4 séculos. Ambas obras são demonstração do potencial, da inteligência, do conhecimento e da curiosidade que motivam o ser humano em suas descobertas. É indubitavelmente enorme a contribuição e legado deixados por esses escritos.

Os comentários não tiveram o aprofundamento epistemológico necessário, devido, insistimos, ao recorte aqui estabelecido por motivos metodológicos. Mas acreditamos ter podido demonstrar que a *Tekhnē Grammatikē*, de Dionísio, o Trácio já pudesse apresentar todas as classes gramaticais que identificamos hoje em dia, ao menos em português.

Além disso, podemos admitir que, com o aumento do interesse pelos estudos sobre a linguagem, ocorreu também a própria evolução da Gramática. E muitos dos *grammatikós* passaram a comentar e analisar com afinco o que já havia sido escritos pelos seus antecessores. Eles questionavam e buscavam esclarecer dúvidas e questões que não haviam sido solvidas nos manuais de gramáticas anteriores, bem como rebater e contradizer o que pudesse estar equivocado ou indefinido, infelizmente, nem sempre com o devido cuidado em não incorrer em anacronismo.

De fato, o que chegou até o ocidente, sobre os estudos de gramática, nem sempre são tão fiéis ao que foi escrito originalmente. Contudo, é consenso entre os estudiosos, que a ideia ou as bases principais desses pensadores foram mantidas no decorrer dos séculos. Verifica-se isso ao comparar as definições das classes gramaticais atuais com as de antigamente (algo não feito exaustiva ou diretamente neste artigo, mais uma vez, devido a motivos metodológicos), cuja essência ainda é a mesma.

A Gramática foi, é e ainda será uma das áreas mais fulcrais da linguagem enquanto ciência. Não somente por sua história, mas também pela sua importância e pela forma como conseguiu interpretar a língua, fazendo com que o homem pudesse expressar-se melhor e aprimorar-se linguisticamente, num momento histórico em que essa era uma preocupação restrita. Nenhum caminho é trilhado se não houver um ponto de partida. E tal como sabemos, é necessário visitar as origens, para assim se situar no presente, entender o passado e planejar o futuro.

9. Referências

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da Gramatização**. Campinas: UNICAMP, 1992 *apud* VIEIRA, F. E. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas? In: **Gramáticas brasileiras: com a palavra os leitores**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. Para quem se faz uma gramática? In: NEVES, M. H. M.; GALVÃO, V. C. C. **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra os autores**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 19-30.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAPANSKI, G. **Uma tradução da Tekhnē Grammatikē, de Dionísio Trácio, para o Português**. Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- DEZOTTI, L. C. **A invenção das classes de palavras/ Lucas Consolin Dezotti**. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- _____. As “partes da oração” de Donato aos modistas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. vol. 8, n. 14, mar. 2010..
- _____. **Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório**. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- EMPÍRICO, S. **Contra os gramáticos/ Sexto Empírico: tradução Rafael Huguenin, Rodrigo Pinto de Brito; apresentação Ana Paula Grillo El-Jaick, Fábio da Silva Fortes; comentários Aldo Lopes Dinucci...[et al.]** – 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós/ Carlos Alberto Faraco**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, C. A; VIEIRA, F. E. **Gramáticas brasileiras: com a palavra os leitores/ Xoán Carlos Lagares [et.al.]; organizadores Carlos Alberto Faraco, Francisco Eduardo Vieira**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português/ Ernesto Faria; revisão de Ruth Junqueira de Faria**. 6^a.ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss Conciso/ Instituto Antônio Houaiss, organizador; [editor responsável Mauro de Salles Villar]**. São Paulo: Moderna, 2011.
- NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem.** 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

NEVES, M. H. de M; GALVÃO, V. C. C. **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra os autores/** Evanildo Bechara...[et.al.]; organização Maria Helena de Moura Neves, Vânia Cristina Casseb-Galvão; Marli Quadros Leite; Francisco Roberto Platão Savioli. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença.** São Paulo: Editora UNESP, 2000. – (Coleção Prismas/ PROPP).

VIEIRA, F. E. **A Gramática Tradicional: história crítica.** 1.ed. São Paulo: Parábola, 2018.

_____. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas? In: _____. **Gramáticas brasileiras: com a palavra os leitores.** 1.ed. São Paulo: parábola Editorial, 2016. cap. 1.